

Relatório das leituras do aporte teórico solicitado

(Obras de Paulo Freire)

Geiza Reis

O texto Educação como prática da liberdade, fala sobre Paulo Freire que aborda e defende uma pedagogia com liberdade, para ele, esta deve ser o principal destaque. Ela é a base que dá sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetivamente e com eficácia os educandos na medida em que podem participar de forma livre e crítica. É um dos princípios essenciais para a estruturação do círculo de cultura, unidade de ensino que substitui a “escola” autoritária por estrutura e tradição. Busca-se no círculo de cultura, peça fundamental no movimento de educação popular, reunir um coordenador a algumas dezenas de homens, vindos da população, no trabalho comum pela conquista da linguagem. O texto ainda ressalta que a função de um coordenador é dialogar e nunca impor, também fala sobre o respeito à liberdade dos educandos, que nunca devem ser chamados de analfabetos, mas sim de alfabetizandos.

Realizam um levantamento do vocabulário popular no qual, nas preliminares do curso, procuram ter o máximo de opiniões populares na estrutura do programa. O educador tem o papel de registrar o vocabulário de forma fiel e selecionar algumas palavras básicas à medida que percebe que são muito utilizadas, possuem relevância em suas vidas e tipo de complexidade fonêmica que apresentam. O texto fala que estas palavras de uso comum na linguagem do povo e carregadas de experiências vivenciadas, são fundamentais, pois a partir delas o alfabetizando irá descobrir as sílabas, as letras e as dificuldades silábicas específicas de seu idioma, também servirão como material inicial para a descoberta de novas palavras.

São consideradas para todo esse processo as relações do homem com a realidade, que são resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E, na medida que cria, recria e decide, vão se formando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas.

O texto traz a ideia de que a discussão é um ponto crucial para o aprendizado, pois segundo esta pedagogia a palavra jamais deve ser vista como um “dado” ou como uma forma

de “doação” do educador para o educando, mas é sempre um tema de debate para todos os participantes do círculo de cultura. Paulo Freire diz: dar aulas de democracia e, ao mesmo tempo, considerarmos como “absurda e imoral” a participação do povo no poder, a democracia é, como o saber, uma conquista de todos. Freire se preocupava com uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política.

O texto Pedagogia do oprimido fala que o método Paulo Freire não ensina a repetir palavras, não se restringe a desenvolver a capacidade de pensá-las segundo as exigências lógicas do discurso abstrato; simplesmente coloca o alfabetizando em condições de poder re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra. “A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo.” (pg. 84 do livro).

Encontramos, dentro da leitura, alguns fragmentos que ressaltam a ideia do pensar em diversas colocações:

A investigação da temática, repitamos, envolve a investigação do próprio pensar do povo. Pensar que não se dá fora dos homens, nem num homem só, nem no vazio, mas nos homens e entre os homens, e sempre referido à realidade. Não posso investigar o pensar dos outros, referido ao mundo, se não penso. Mas, não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar pelos outros nem *para* os ouros, nem *sem* os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar. E se seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensando o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de assumir ideias, mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação. (pg. 101 do livro).

Podemos perceber que a todo momento o que é levado em consideração para um melhor aprendizado dentro da educação, é justamente o fato de nós, seres humanos, pensarmos por conta própria, termos a liberdade de pensar, questionar, absorver e “costurar” as informações juntamente com nossas vivências. Tudo é realizado em conjunto. O aluno não deve ser visto como uma página em branco no qual o professor depositará seus dados, seus saberes, o aluno é um ser pensante que carrega uma história, carrega outros conhecimentos para além das informações e aprendizados fornecidos dentro da instituição escola. É necessário priorizar o pensar do aluno, incentivar suas reflexões em meio ao aprendizado.

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus polos (ou um deles) perdem a humildade. Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”? Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar? (pq. 80 do livro).

O trecho citado acima traz consigo reflexões muito fortes acerca do que vem a ser o educar, o alfabetizar. Como seria possível estar no lugar de professor se não consegue amar? Referimo-nos ao amor pela vida, pelo ser humano, pelo pensar, pelo aprendizado que nunca acontece no regime de transferência, mas sim no compartilhamento mútuo no qual o professor também aprende enquanto ensina. Falamos de diálogo, falamos do “deixar fluir”. Se, enquanto professora, ignoro o conhecimento e a cultura que meu aluno possui, como posso me aproximar verdadeiramente dele e trabalhar a educação, a cultura, o pensar? Quando digo “trabalhar”, refiro-me ao A *com* o B.

Para encerrar, cito o último parágrafo do texto que diz: “Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”. O educar deve sempre andar de mãos dadas com o amar.